

RESUMO - EIXO TEMÁTICO 1 - PAISAGEM CULTURAL: UM CONCEITO EM DISCUSSÃO E SUAS TIPOLOGIAS - PAISAGEM E GEOGRAFIA / PAISAGEM E ARTE / PAISAGEM E ARQUEOLOGIA / PAISAGEM E AMBIENTE / PAISAGEM E PATRIMÔNIO / PAISAGEM URBANA E PAISAGEM CULTURAL / JARDINS HISTÓRICOS E PAISAGISMO / PAISAGENS RURAIS, INDUSTRIAIS E DA MINERAÇÃO / CATEGORIAS DE PAISAGEM DA UNESCO E SUA APLICABILIDADE / ROTAS E ITINERÁRIOS CULTURAIS.

CARTOGRAFIAS DO RETIRANTE: EDUCAÇÃO E LEITURAS DE MUNDO A PARTIR DA PAISAGEM CULTURAL EM MORTE E VIDA SEVERINA

Silvia Maria Do Espírito Santo (silesan@usp.br)

Anna Carolina Thomaz De Melo Dias (annacmelo@usp.br)

À luz da construção da memória e da interpretação de mundo, o presente trabalho propõe uma reflexão sobre a definição da paisagem cultural a partir da obra *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto (1955), e as possibilidades de leituras de vivências coletivas. A pesquisa compreende essa paisagem como testemunho do trabalho do homem, de sua relação com a natureza, e de sua ação sobre o espaço (RIBEIRO, 2007).

Neste sentido, o termo Cartografias caracteriza-se em seu conceito social, que opera através do protagonismo de grupos coletivos na construção de relações socioespaciais. Nessa perspectiva, literatura e realidade articulam-se dinamicamente (FREIRE, 2022), viabilizando a construção de comunidades de aprendizagem e integrando história, educação e memória - entendida como um

processo coletivo ancorado em grupos de referência e em contextos sociais específicos (HALBWACHS, 1984).

No texto literário, o percurso do retirante revela uma paisagem marcada pela intermitência das águas, pela aridez do solo e pela precariedade das condições de vida, configurando uma escassez que ultrapassa o plano físico e se inscreve nos corpos, nas falas e nas trajetórias dos sujeitos. A experiência literária da presença do vazio é desmentida a partir da percepção dos sintomas da pobreza e da luta pela sobrevivência. A ausência da água atua como elemento estruturante desse território simbólico, organizando deslocamentos, modos de sobrevivência e narrativas sobre morte, trabalho e resistência. Ao nomear-se e reconhecer-se entre muitos outros, o personagem constrói uma narrativa de si que, ao mesmo tempo, é coletiva e territorial.

No campo da educação, o trabalho investiga a potencialidade de *Morte e Vida Severina* como dispositivo para a compreensão crítica da seca que, segundo Josué de Castro em *Geografia da Fome* (1946), é um produto primeiro sociocultural do que geográfico, estimulando reflexões sobre paisagem, memória, cultura e pertencimento. Propõe-se, assim, que a educação permeada pela literatura atue como projeto de leitura do contexto cultural, capaz de articular dimensões geográficas, simbólicas e sociais.

Dessa forma, a pesquisa contribui para os debates sobre paisagem cultural ao evidenciar o papel da literatura na educação não formal, compreendida como um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, que refere-se à formação do indivíduo para a interação em sociedade (GOHN, 2010).

Ao abordar as narrativas da seca, reafirma-se a paisagem como espaço de memória, experiência e projeto. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e interpretativo, ancorada na análise do texto literário como narrativa de experiência e documento cultural. O estudo fundamenta-se na leitura crítica de *Morte e Vida Severina*, articulada a referenciais da educação, da memória social e dos estudos sobre paisagem cultural, buscando identificar como a ausência da água opera como elemento estruturante das narrativas, das relações socioespaciais e das vivências coletivas. Trata-se de uma cartografia interpretativa, que privilegia o entrecruzamento entre literatura, território e educação como forma de leitura da paisagem cultural.

Palavras-chave: paisagem cultural; cartografias sociais; educação não formal; literatura.